

# Política externa já preocupa

BRASÍLIA — A política externa do governo de Fernando Collor de Mello, caso seja eleito, não vai ser muito diferente da praticada pelo governo José Sarney. A assessoria do candidato do PRN à Presidência da República alardeia que este é o único programa com possibilidade de ser mantido, embora não fiquem afastadas inovações que Collor já deixou definidas como prioritárias, como a de reconquista da confiança dos governantes de países do primeiro mundo.

Além da estreita relação com os países da América Latina, da reafirmação dos princípios de autodeterminação e não interferência, o candidato pretende melhorar as relações do Brasil com os Estados Unidos, a Inglaterra, a França, que considera muito desgastadas tanto pela desconfiança dos governantes como pelo perfil de mau cumpridor de acordos internacionais, imagem que Collor não considera injusta.

Se os resultados das urnas forem favoráveis a ele, logo após a proclamação ofi-

cial Collor inicia uma viagem pela Ásia, América do Norte e Europa. Já está definido que o primeiro país a ser visitado será o Japão. Ali pretende buscar o interesse por investimentos no Brasil, dentro da política de abrir a economia do país ao capital estrangeiro. O mesmo fará no Canadá, também um país rico, que Collor acredita guardar algumas semelhanças com o Brasil por suas dimensões e riquezas minerais e que define como uma "Suíça gigante".

Como sua linha será a de aproximação das grandes potências, Collor buscará novamente contato com a primeira ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, o presidente dos Estados Unidos, George Bush, o presidente da França, François Mitterrand. Para firmar a imagem de um político social-democrata, buscará também credibilidade nesse campo, fazendo o roteiro da social-democracia europeia, com especial atenção à Espanha, onde faz questão de ouvir um detalhamento sobre a formulação do Pacto de Moncloa.